

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 23000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS
NUMERO AVULSO 20 RS., O 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

OS PARTIDOS

Cada vez se alastra mais a gangrena que nos miaa. Onde esta podridão irá parar é que ninguém sabe.

A politica é geralmente o espelho dos povos. Quem quiser conhecer uma nação nos varios ramos da sua actividade, não tem senão que estuda-la nas suas manifestações politicas. Ora Portugal por esse lado é, como em tudo, um paiz desgraçado, um producto degenerado da civilisação, uma collectividade inferior, um povo destinado a fazer n'um obscurantismo eterno. Dois factos ultimos o provam evidentemente: — as intrigas que dilaceram o partido regenerador e a desrção dos chefes republicanos para o campo monarchico.

E' conhecido de todo o mundo o que se tem passado no seio do partido regenerador desde a morte de Fontes. O estado maior d'aquelle partido, dilacerado por velhos despeitos e antigas rivalidades, desce ás maiores baixezas e indignidades. Faz pactos indecentes com o governo, vende-se por dez réis de lentilhas, guerreia-se mutuamente, enfim, desmoralisa o povo n'um espectáculo indecente.

Tem algum ideal de justiça, por ventura, quem assim procede? Ha n'aquelles homens o minimo intuito honesto de servir os interesses do paiz? Não, incontestavelmente. Se fossem honrados, se fossem dignos, se procurassem o bem do povo, como elles apregoam, não se morderiam n'uma guerra surda d'intrigas e despeitos por causa da eleição d'um chefe. Que se guerreassem por causa dos principios, sim senhores, perfeitamente d'accordo. Mas guerrear-se na eleição d'um chefe, guerrearem-se os torpes e os

ambiciosos. Chefe é qualquer, o mais honrado, e o mais trabalhador. E não hão de ser tantos os que reünam essas qualidades, que um partido hesite em escolher um. Se todos querem ser chefes, é porque o bem collectivo nada vale ao pé das conveniencias de cada um. E então, um partido assim é um cancro, é uma desgraça racional que, para bem de todos, todos se deveriam empenhar por fazer desaparecer. Eis a situação do partido regenerador.

O outro facto, muito mais escandaloso do que esse mas ligando-se intimamente com elle, é a deserção dos chefes republicanos para o campo monarchico. Também toda a gente sabe isso. Não é novidade que vamos dar aos leitores. Entretanto historiemos.

A lucta que se travou no partido regenerador dividiu-se principalmente entre os srs. Antonio de Serpa e Barjona de Freitas, os quaes ambos pretendiam ser chefes ou empolgar a direcção suprema do partido. Como o sr. Antonio de Serpa pezasse mais na balança regeneradora, ou tivesse mais adeptos, o sr. Barjona foi lançar as rédes a outra parte. E então, acompanhado por uma dezena de fieis, estabeleceu um accordo com os chefes republicanos para constituirem todos um novo partido dentro da realza, partido que ficaria constituindo a esquerda monarchica. Isto é, tal qual como a esquerda dynastica em Hespanha, que se formou do grupo mais avançado monarchico com o grupo republicano de Martos, Becerra, Montero Rios, Echegaray e companhia. E á maneira do que os monarchicos hespanhoes fizeram para obterem a adhesão dos republicanos, assim o sr. Barjona de Freitas prometeu pastas a dois ou tres vultos do partido republicano, bem como as mais largas concessões liberaes e as mais rasgadas reformas democraticas.

Não sabemos ao certo se irá por deante esta nova partida de malandros, millionissima compa-

nhia d'olho vivo para explorar o Zé pagante. E' possivel que o accordo se rompa, que o pacto ainda se quebre, e toda a gente sabe como estas combinações são demoradas e como a mais pequena circumstancia as faz ás vezes mallograr. Mas o que é certo, e é quanto basta para dar o valor dos chefes republicanos, é que a combinação se fez, é que o accordo começou, é que os directores espirituaes do movimento democratico acceitaram com o principio corrente o poderem servir n'uma situação monarchica. Isso é que é incontestavel e isso é que importa. Nem é preciso recorrer-se á nossa auctoridade porque o facto está no conhecimento e na consciencia de todo o mundo. Quando muito não estará na consciencia da carneirada indecente dos clubs, tão indecente e tão indigna como os chefes e por isso tão capaz como elles das maiores poucas vergonhas. Não duvidamos nada que aplaudam o acto miseravel dos seus amos e senhores.

De resto, o caso não é nada para admirar. Era esperado ha muito tempo por quem vê estas cousas com frieza. Não applaudiu o *Seculo* a conversão ao monarchismo dos srs. Ernesto Loureiro e Bordallo? Não disse o *Seculo* que o sr. Consiglieri Pedroso, esse charlatão que tem medo de falar em republica no parlamento, esse engolidor de facas que sabe chicanar mas que nunca sabe levantar na camara as questões democraticas, é o deputado republicano mais notavel que tem ido ao parlamento? Não disse a *Folha do Povo* que o rei devia formar um ministerio composto d'elementos de todos os partidos representados na camara? Depois d'isso tudo era de esperar.

Temos, pois, isto ha quarenta annos para cá:—Os patuleias pactuando com os cartistas; os reformistas pactuando com os historicos; os *pretistas* pactuando com os constituintes; os constituintes deixando sósinho o sr.

Dias Ferreira para se unirem aos regeneradores; os progressistas em risco de se fraccionarem e os regeneradores fraccionando-se de facto para constituirem um novo partido com os republicanos. Quer dizer, ha quarenta annos que assistimos a uma função ignobil a que não ha esperanças de ver termo.

Carta de Lisboa

15 de Julho.

Muito calor por cima d'este pantano que exhala miasmas terrivelmente deletorios, o que mais vontade nos dá de fugir, d'ir procurar ao longe um pouco de refrigerio para o nosso espirito abraçado. Se isto é mau em tempos regulares, depois da invasão dos epilepticos alarvados e larvados, Lisboa tornou-se verdadeiramente horrivel. Os bairros immundos do Alfama e Mouraria, com as suas ruas *sujas*, *sujas* no nome e *sujas* de facto, com os seus fadistas peçonhentos, e o campo de Santa Clara com o monstro que se chama o tribunal militar, fizeram d'esta cidade, que podia ser a mais bella do mundo pela sua situação excepcionalmente grande e magestosa, um antro vergonhoso, repugnante e perigosissimo. Até aqui tinhamos a covarde navalhada ao voltar d'uma esquina em nontê escura. «Tenha paciencia, que não era para si» gritava o fadista dando ás gambias pela rua abaixo depois de nos ter posto as tripas ao luar. E é que não havia remedio senão ter *paciencia*. Não era para o cidadão inoffensivo, paciencia! Era para qualquer maltrapilho da laia do malandro, que o malandro confundira com o cidadão honesto e virtuoso. Mas, ou difficilmente a policia lançava mão do miseravel, ou se o prendia lá estava a Boa Hora para o absolver. «Então, foi por engano, não teve tenção de o matar» dizia o jury, e quando não punha o fadista no andar da rua,

dava-lhe seis mezes de prisão para... descargo de consciencia.

D'estes casos houve muitos. Houve mesmo d'essas complacencias dos nossos tribunaes, não já com os que matavam *por engano*, mas ainda com os que matavam ou tentavam matar de peito feito. Foi assim que eu vi absolver o conde de Villa Pouca, ou qualquer cousa pertencente a essa familia, por ter descarregado um revolver sobre um individuo na rua Nova do Almada; que eu vi condemnar a uma pena insignificante o assassino do pobre Salles Ribeiro, victimado uma noute na rua da Prata; que eu vi hontem condemnar a duas ou tres duzias de dias de cadeia, **removíveis a 500 réis por dia**, uma *santa creatura* que arremessou um frasco de vitriolo á cara d'um sujeito; que eu vi castigar um dia d'estes com **21 mezes de prisão** um faccinora que, não contente de roubar a casa d'uns honrados operarios, ainda os cobriu de facadas, e que eu vi outras tantas *branduras de costumes* nos nossos tribunaes, branduras que seria monotonos e longo enumerar, tanto ellas se repetem a miudo.

Eu tenho visto tudo isso, mas não basta. Era pouco. Até agora ainda a gente se podia acautelar, livrando-se de passar nos bairros fadistas da cidade e rodeando de largo as esquinas, olho para a direita e para a esquerda, bengala de ferro apumada com o corpo para descarregar uma pancada decisiva na cabeça do primeiro figurão que sacasse da navalha. Mas que fazer d'aqui por deante, santo Deus, se um patife nos dá um tiro na cabeça em pleno dia, nos bairros mais aristocraticos, e depois um tribunal, considerando aliaz o patife um *sér* intelligente, o dá por irresponsavel no crime commettido? Era isto que faltava e contra isto não se lucta. O remedio seria fugir d'esta Lisboa pulha, indecente, baixa, degradada, que só em Lisboa se vêem d'estas *branduras* a todos os instantes, se podessemos fugir. Mas como a maior parte dos cidadãos

FOLHETIM

5

AS RODAS

CRIAÇÃO DA INFANCIA DESVALIDA

(CONTINUAÇÃO)

No mappa antecedente se vê que de 1:800 expostos falleceram 1:452, escapando apenas 348. Dos numeros que indicam os que completaram 7 annos e os que foram entregues aos paes ou a outras pessoas nada racionalmente se pôde concluir senão que na camara de Evora, bem como em muitas outras, se ignorava o verdadeiro destino da maior parte dos expostos.

O sr. Manuel de Paula da Rocha Vianna, sendo por esse tem-

po presidente da camara, poz os maiores esforços para convencer a junta geral do districto de que era urgente substituir a roda pelo hospicio. Não o conseguiu, mas concorreu de certo para dispôr os animos em favor da reforma que dois annos mais tarde se realisou, e cujos beneficios hoje claramente se conhecem.

Pela nossa parte, já em 1865 demonstrámos, porém inutilmente, n'uma serie de artigos publicados na *Folha do Sul* o mal que a roda fazia, e a impreterivel necessidade de pôr termo á exposição franca.

A commissão, nomeada em 22 de novembro de 1866 para estudar e propôr os melhoramentos necessarios na administração dos expostos em Portugal, fez o seguinte calculo, tão curioso como instructivo:

No anno economico de 1864 a 1865, sendo o numero total dos expostos 52:161, houve 15:536 ex-

posições e 10:720 obitos. Servindo-se da tabella de Duvillard, que, por dar maior mortalidade que as de Deparcieux e Kerssboon, é mais favoravel ás rodas, achou a commissão que de todos os expostos existentes no fim de julho de 1864, sommados com os que entraram de 1864 a 1865, morreram n'esse mesmo anno mais 4:274 do que deveriam morrer por effeito da lei ordinaria, a que estão sujeitas as crianças de 1 a 7 annos não expostas (1).

Matando, pois, as rodas de Portugal durante um anno 4:274 crianças, matariam em vinte annos mais de 80:000. Mas ao cabo d'esse tempo viriam a faltar na população geral do reino não somente aquellos 80:000 individuos, mas tambem os filhos que pode-

(1) *Relatorio da commissão nomeada em 22 de novembro de 1866, publicado na Collecção da legislação official portugueza, anno de 1867, a pag. 804.*

riam ter gerado, o que muito mais agrava o poder destruidor de tão mortifera instituição.

Os auctores do relatorio da gerencia da misericordia de Lisboa no anno economico de 1861 a 1862 acharam n'um periodo de seis annos a média de 1 para 4,3 que representava n'aquella epocha a mortalidade dos expostos de 1 a 3 annos na roda de Lisboa; em quanto nas crianças soccorridas em poder das mães a mortalidade era apenas de 1 para 16,7.

Desde 1850 a 1865, no espaço de quinze annos, entraram na roda de Lisboa 38:933 e falleceram 27:663 expostos.

A administração activa e zelosa do sr. conde de Rio Maior melhorou muitissimo o serviço dos expostos em Lisboa, fazendo baixar a mortalidade, especialmente na primeira idade, de 1 até 8 dias. Nas outras edades porém não pôde conseguir tão satisfactorio

resultado. A' boa direcção dos socorros ministrados aos expostos, logo depois de entrarem na roda, attribuímos a differença notada nos ultimos annos. Todos os esforços do illustrado e zeloso administrador não tiveram o mesmo resultado nas edades subsequentes, de sorte que a mortalidade continuou maior de que seria se as crianças fossem criadas pelas mães. Por isso o sr. conde de Rio Maior, que defendia por convicção intima a conveniencia de conservar as rodas francas, melhorando-se pela actividade da fiscalisação a criação dos expostos, teve de modificar a sua opinião, tornando *vigiada* a roda de Lisboa e pondo á entrada dos expostos as restricções adoptadas nos hospicios.

(Continua.)

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES.

